



PEDRAS E VIDROS: ARQUITETURA GÓTICA, UMA PROPOSTA IDEOLOGIZANTE DO HOMEM E DA MULHER MEDIEVAL

Stones and glasses: Gothic Architecture,
an ideological proposal of the medieval man and woman

Daniel Felipe Jacobi¹
Adilson Cristiano Habowski²

Resumo

O presente ensaio propõe analisar, através de pesquisa bibliográfica e da metodologia histórico-hermenêutica, os intentos da erupção da arquitetura Gótica, a partir dos séculos XII e XIII, como um meio ideologizador religioso, ou aquilo que Adorno e Horkheimer posteriormente, dentro do contexto moderno e de mercado neoliberal, denominaram de indústria cultural. A arquitetura Gótica, assim denominada pejorativamente pelos Renascentistas por ser uma arte criada pelos godos e não fazer uso das mais elementares figuras geométricas, representa uma passagem de uma tipologia de uma Igreja militar, com aspectos de fortaleza, para uma tipologia de igreja suntuosa, opulenta. Esse novo modo de projetar as Igrejas, propunha-se, por meio de pedras e vidros, levar o homem a uma experiência metafísica com o transcendente. Esse fenômeno atraiu o homem e a mulher medieval novamente a esfera eclesial, mas não de maneira a assumir concretamente o projeto cristão e, sim pelo fator ideologizante que a beleza das Igrejas Góticas transmitia, reflexo da indústria cultural. Se nas edificações românicas o homem medieval sentia-se protegido por Deus, nas edificações Góticas ele sentia-se, ilusoriamente, junto a Deus.

Palavras-chave: Arquitetura Gótica. Ideologia. Indústria Cultural.

Abstract

This study analyzes, through bibliographic search and the history-hermeneutic method, the intents of the appearance of the Gothic Architecture, between the XII and XIII centuries, with a religious ideologize, or that Adorno and Horkheimer, posteriorly, in a modern and liberal market context, called of the cultural industry. The Gothic Architecture, so called negatively by Renaissancist because it is an art that was created by Goths and does not use the elementary geometric figures, represent a change of a military typology, with fortress

¹ Daniel Felipe Jacobi, discente do curso de Teologia pelo Centro Universitário Unilasalle – Canoas. Email: danielfjacobi@hotmail.com.

² Adilson Cristiano Habowski, discente do curso de Teologia pelo Centro Universitário Unilasalle – Canoas. Email: adilsonhabowski@hotmail.com.

aspects, to a magnificent church. This new way to build the church, wanted, through stones and glasses, get the man to a metaphysics experience with the transcendent. This phenomenon brought the medieval man and woman to the church again, not in the way of getting the Cristian Project, but due to the ideological aspect that the beauty of the Gothic church transmits, reflex of the cultural industry. If in the Romanic structure the medieval man felt protected by God, in the Gothic he felt together with God.

Keywords: Gothic Architecture. Ideology. Cultural Industry.

Considerações Iniciais

O período medieval mostrou-se fértil em suas produções arquitetônicas, algumas das quais intrigantes até hoje. Para tanto, ao analisar a conjuntura e a estrutura do estilo românico vigente no século XI e XII, é revelado o quão impactante foi a mudança para o estilo Gótico, que perdurou do século XII ao XV. O estilo Gótico, não representou meramente a fuga das grandes fortificações, mas a mudança radical de vida do homem e da mulher medieval. Deixou-se de combater as trevas do mundo, para refugiar-se delas na presença de Deus. Esse estilo, além do surpreendente desenvolvimento enquanto evolução arquitetônica, denota uma capacidade de usar meios ilusórios como indutores de um modo de pensar.

As catedrais, enquanto espaços sagrados, se transformaram para o homem e a mulher medieval verdadeiros refúgios do mundo, na medida que o encantamento e a ilusão cênica provocadas pelas estruturas verticais de pedras e os esplendorosos vitrais, induziam a aderirem uma fé que muitas vezes não encantava pela sua doutrina e crença, mas pela beleza estética de suas construções. Ante isso, somos deparados com a indagação a quais são as implicações em estruturar uma crença de fé a partir das ilusões e ideologias, enquanto indústria cultural, presentes nas magnitudes das grandes catedrais góticas do período medieval?

Metodologicamente, partindo da pesquisa bibliográfica, o presente estudo caminha na ótica da hermenêutica-histórica, criado pelo filósofo alemão Dilthey (1833 – 1911). A hermenêutica, com seu ideal de transcender e romper com qualquer interpretação simplória do objeto de pesquisa, possibilita reinterpretar, a partir de uma postura crítica, o que realmente subjaz a cada fato histórico. Estruturado em dois capítulos, a presente reflexão inicia-se por uma explanação da substituição do Românico pelo Gótico, de maneira a

apontar os principais fatos que ocasionaram tal mudança. Posteriormente, conceitua como indústria cultural os atos ideológicos manifestados pela arquitetura Gótica.

A erupção do gótico como resposta às deficiências do românico

Os séculos XI e XII estiveram fortemente marcados pela tipologia românica. Esse estilo estava em acordo com a mentalidade vigente na época. Era um período marcado por conturbações, grandes reinados e guerras, com grande destaque nas cruzadas. É nas entranhas da Era das Trevas, que se instalou o estilo Românico, com todas as suas pesadas estruturas que aludiam a majestosas e seguras fortificações.

As Igrejas, nesse período, em suas características de fortalezas, não possuíam meramente o papel de encontro celebrativo, mas também de ensino da fé cristã. Entrar e encontrar-se dentro de uma estrutura fria e pesada, era uma forma de se sentir seguro frente a tantas conturbações da época. Os elementos que constituíam a arquitetura Românica eram propositais, bem como o uso de abóbodas, aprimoradas nesse período. As Igrejas fortificadas não poderiam mais manter-se pelos telhados de madeira. Era necessário técnicas que remetesse as Igrejas a grandes fortificações no seu todo. Portanto,

[...] a abóboda de berço e a abóboda de arestas, foram usadas na grande maioria das igrejas românicas. Visualmente, essas abóbodas transmitem a impressão de solidez, calma e repouso... de ausência de esforço ou tensão. Suas superfícies são lisas e as linhas semicirculares fazem nossos olhos voltarem ao chão depois de cada volta pelo espaço. (GOMBRICH, 1999, p. 4).

Os elementos que constituíam o estilo Românico (abóboda de berço e aresta, escassez de aberturas, paredes largas ...) suprimiram inicialmente os anseios dos fiéis, mas na medida que “a severidade e masculinidade militar dessa arquitetura pode ser vista também em edifícios dos quais se esperaria uma natureza mais delicada” (GLANCEY, 2001, p. 45), deu-se início a um processo de mudança, já que os elementos maciços e fortificados não eram mais condizentes e nem encantadores. Fazia-se mister algo novo, que não mais levasse o fiel a um olhar horizontal e prendesse os olhos na solidez e na amargura do período das Trevas, mas que remetesse para o alto, à verticalidade.

A arte Gótica, que se disseminou pela Europa a partir do século XII até aproximadamente o século XV, nasceu em Île-de-France, na França. Essa arte, criada pelos godos em um período de cruzadas, não era reconhecida inicialmente como arte Gótica, mas

somente no renascimento passou assim a ser denominada: “é muito provável que os humanistas do Renascimento tenham adotado o termo Gótico como sinônimo de bárbaro, no sentido de proveniente da região de além-Alpes, por oposição a Românico” (GOZZOLI, 1978, p. 3).

Para tanto,

a catedral gótica [arquitetura gótica no seu todo] é, primeiramente, um espaço construído. Não nasceu ao acaso, de um momento para outro. Foi precedida por inúmeras invenções e tentativas técnicas. O problema básico era consolidar os dois tipos de abóbodas até então usadas pelos arquitetos, a abóboda-de-berço e a abóboda-de-aresta, que tendiam a desnivelar as paredes. [...]. Tratava-se de adelgaçar paredes românicas, cuja espessura atingia às vezes mais de dois metros. A invenção fundamental foi a da ogiva, ou antes, o cruzamento de ogivas, meio técnico que resolveu o problema da cobertura das neves. (TREVISAN, 2003, p. 173).

Sem nenhum conhecimento científico sobre a geometria, o homem e mulher medieval mostraram-se hábeis na arte de construir, uma vez que a arquitetura Gótica rompia com qualquer noção arquitetônica vista e conhecida até o momento. Não era mais somente Deus que descia ao encontro do homem, mas também o homem que subia ao encontro de Deus.

A criação das abóbodas e arcos ogivais, permitiu com que a estrutura subisse e transmitisse uma dimensão de verticalidade. O desejo de ir ao encontro de Deus, tão fortemente presente na mentalidade medieval, levou o homem a romper suas próprias barreiras, construindo gigantescos monumentos. A grande mudança do estilo Românico para o estilo Gótico, não é a simples substituição dos arcos e abóbodas de berço e de aresta pelos ogivais, mas a transformação e o fim de uma arquitetura que denotava solidez, robustez e limitação, para uma arquitetura que permitia um sentimento de estar mais próximo da presença de Deus.

Arquitetura Gótica e indústria cultural

O termo indústria cultural, cunhado pelos Teóricos Críticos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, revela-se como uma realidade do contexto da modernidade. Esse conceito, não pode ser entendido fora das circunstâncias de um período pós-revolução industrial e de erupção dos meios de comunicação de massa. Para esses dois

pensadores, esse termo corresponde ao sistema que visa induzir a um estilo de vida criado pelo mercado.

O grande intuito da indústria cultural não é meramente criar um estilo de vida, mas homogeneizar o ser humano. Com esse feito, o mercado, nascido na era moderna, não necessitava mais produzir para suprir a pluralidade humana, pois uniformiza-se o humano conforme as produções. Esse processo não acarreta meramente uma indução no consumo, mas no modo de vida e de se compreender enquanto indivíduo portador de uma identidade subjetiva.

Portanto,

na indústria cultural, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universo está fora de questão. Da improvisação padronizada no jazz até os tipos originais do cinema, que têm de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudo-individualidade. O individual reduz-se à capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128).

A indústria cultural, objetivando o humano como um fim a seus produtos e produções, sustenta todo seu sistema através de um vasto aparato de elementos, bem como os meios de comunicação em massa, nas artes, no cinema, na arquitetura, e outros. Cada elemento, estando vinculado ao desejo da indústria cultural, produz e reproduz uma falsa cultura apresentada como ideal. Engajando-se nesse meio, o ser já não mais se reconhece enquanto autônomo, mas é dependente do que a indústria cultural apresenta. Cada feito, nunca possui um caráter e dimensão definitiva, ocasionando, um processo de eterna insatisfação do ser. Na indústria cultural se dá fortemente o processo de anulação de qualquer postura crítica, conhecida como manutenção do *status quo*. O humano, que já não possui mais a capacidade de enxergar fora do sistema imposto, passa a viver em prol de tudo que é induzido.

Se deslocarmos o termo indústria cultural, com sua carga significativa de manipulação ideológica e, o empregarmos no contexto da Era das Trevas, na qual a arquitetura Gótica surgiu como necessidade de conquista do homem e da mulher medieval, vemos que o processo de encantamento mítico do homem e da mulher, através das

opulentas e magníficas catedrais góticas, é o mesmo que o mercado moderno faz uso para condicionar o homem dentro do sistema, porém, não pelo viés mítico, mas racional.

As artes, bem como a arquitetura, são na sua expressão mais genuína a manifestação da libertação humana frente as circunstâncias apresentadas. Todavia, Adorno (1967, p. 5) já discorria que “à arte, o intrépido protesto contra o domínio dos fins sobre os homens, sucede injustiça quando ela é reduzida exatamente àquela práxis a que se opõe”. Esse fenômeno destacado por Adorno, é claramente notório na indústria cultural, já que as artes não se manifestam como possibilidade de conquista da emancipação e da subjetividade do indivíduo, mas como condicionadores ao que o sistema impõe.

Se resgatarmos o que a arquitetura Gótica representou ao homem e a mulher medieval, que se encontravam imersos em um estilo militante, sólido e fortificado, como o Românico, reconhecemos que deixar o olhar horizontal para o vertical e fazer-se diante de um espaço luminoso, com vitrais e pedras, foi uma verdadeira experiência ideologizante: “dentro da igreja [gótica], tem-se a ilusão de um milagre” (GOZZOLI, 1978, p. 14).

Olhando todo o processo místico subjacente nas obras arquitetônicas do Gótico, encontramos similaridade com o projeto do mercado. A indústria cultural, em seu entendimento de homogeneizador e mantenedor do *status quo*, faz-se vigente também no período medieval. Um projeto audaz, que não gera um comprometimento com a fé cristã pela sua doutrina, mas pela experiência alienante que é vivida dentro das catedrais. Entender que estar em uma catedral gótica é estar na presença celestial de Deus, é induzir o homem a querer viver sua vida espiritual na vida terrena, tirando-o do comprometimento com o contexto real que está inserido.

É notório a presença do sistema que Adorno e Horkheimer, em tempos futuros conceituaram de indústria cultural, dentro do período medieval. Através da arte Gótica e do místico, se legitimou uma dominação, que levou a negação do sujeito.

Considerações Finais

Ante aos oportunos destaques desta pesquisa, notamos o quão impactante revelou-se a arquitetura Gótica para o homem e a mulher medieval. O Românico, que desprovido de vitalidade proporcionava uma experiência de segurança divina frente aos acontecimentos circundantes, já não mais conseguia manter o encanto do homem para com a fé. Os elementos maciços e fortificados denotavam uma Igreja Militante, que propunha lutar

contra as forças das Trevas. Com a erupção do estilo Gótico, vemos um novo modo de compreender a fé, que não mais impactava na relação divina com o meio imanente. Se o Românico representava a luta contra os males terrenos, o Gótico, revelou-se a fuga desse mundo, em uma experiência ilusória da presença de Deus.

Fazer uso do termo cunhado por Adorno e Horkheimer em contexto moderno, não é ocasionar uma deturpação do conceito indústria cultural, mas reler e compreender fatos históricos passados sob uma categoria da contemporaneidade. Reconhecer a dimensão ideológica da arquitetura Gótica na vida do homem e da mulher medieval como fenômeno da indústria cultural, é mostrar que a homogeneização do ser não é um fenômeno moderno, mas presente em toda história humana.

Portanto, os reflexos da fé medieval sustentada pela opulência da arquitetura Gótica, ou aquilo que nesse trabalho ousamos denominar de manipulação mística da indústria cultural, perpassaram a história e geram respaldos ainda na contemporaneidade. A fé cristã, referenciada no projeto de Jesus Cristo, não pode se sustentar por estruturas, mas pela identificação do ideal subjacente nesse projeto. A fé que muito se sustentou pelas estruturas de pedras e vidros, revela-se acrítica e mantenedora do *status quo*.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GOZZOLI, Maria Cristina. *Como reconhecer a arte gótica*. Lisboa: 70, 1978.

GLANCEY, Jonathan. *História da arquitetura*. [Tradução Luis Carlos Borges e Marcos Marcionilo]. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 44-61.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. [Tradução Álvaro Cabral]. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. P. 4 - 50.

TREVISAN, Armindo. *O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã*. Porto Alegre: AGE, 2003. p. 105-183.